

## SIMPÓSIO AT195

### **A menina que roubava livros: uma abordagem dialógica de leitura na sala de aula**

ATHALIBA, Bruno dos Anjos  
Mestre em Letras  
brunodosanjos@gmail.com

CASADO ALVES, Maria da Penha  
Professora Doutora da UFRN – Natal/RN  
penhalves@msn.com

#### **Resumo**

Consoante o Círculo de Bakhtin, o sentido de uma comunicação discursiva se efetiva por intermédio de uma relação dialógica, na qual os sujeitos envolvidos respondam a um enunciado ao concordar com ele, discordar dele, complementá-lo ou aplicá-lo. Sob esse prisma, verifica-se que o ato comunicativo é estabelecido mediante uma interação, seja oral seja escrita. Não obstante, existem situações em que essa relação mostra-se comprometida – fato visto e comprovado em alguns escolas públicas no Brasil, onde a leitura não é desenvolvida ou, quando é, apresenta-se comprometida devido à, por exemplo, ausência de biblioteca, à falta de funcionário para esse ambiente, ao pouco repertório de literatos. Todos esses elementos inibem a leitura de fruição e a formação de um leitor crítico. Para remediar essa problemática, este trabalho retrata um projeto desenvolvido em uma turma de 7º ano do ensino fundamental de uma escola pública de Natal. A pesquisa se ancora em uma abordagem qualitativo-interpretativista e os dados foram construídos no âmbito do Mestrado Profissional em Letras-ProfLetras. Ao longo da experiência, a fundamentação teórica se solidifica na perspectiva dialógica do Círculo de Bakhtin, compreendendo a linguagem como construto histórico-social, dentro da qual se observam os gêneros discursivos. Com base nisso, a metodologia foi promovida mediante oficinas, as quais foram compiladas em um caderno pedagógico (servindo como manual para ações futuras e como comprovação de que a leitura



em sala de aula pode ser ampliada e elaborada a partir de uma concepção dialógica de linguagem).

**Palavras-chave:** Leitura. Gênero discursivo. Romance contemporâneo. Círculo de Bakhtin.

### Abstract

The Bakhtin Circle comprehends every discursive communication as a dialogical relation. In this bias, the meaning will only be formed through an interaction (independently of being written or oral), in which the subjects answer to the statements that are presented from a responsive active comprehension (from which are effective through means of concordance, discordance, complementation or application). However, historically, there is, in Brazilian schools - above all of public network -, a setback in this relation, as far as the procedure impedes the dialogical ethos and the pleasure of reading, necessary elements for the formation of critical reader. In sight of that, with the goal of discussing the formation of the reader in an elementary school classroom, we present, in this work, an experiment with the romance "The Book Thief", in the 7<sup>o</sup> year of elementary school of a public school of Natal. For the systemization of this work, there was a focus upon three pillars, reading pleasure, criticism and the conceptions of language (whilst dialogical construction). The theoretical fundamentation is founded upon the conceptions of the Bakhtin Circle, in what concerns the comprehension of language as social construct and historically situated and the discursive genres as historical constructs and instruments of interaction in the different spheres of human activity. The methodology is fundamented on a dialogical perception, having as methodological procedure the creation of workshops with the objective of promoting the reading of the book. The research is anchored in a qualitative-interpretivist approach and the data built on the scope of Professional Master's degree in Literature-ProfLetras. The results point that the work in Portuguese Language classrooms can be amplified with a dialogical conception of language and reading. It is presented as product of this work a pedagogical notebook that systematizes every accomplished activities and guides future actions in different contexts.

**Keywords:** Reading. Discursive Genre. Contemporary Romance. Bakhtin Circle. Pedagogical Notebook.



## Introdução

No contexto escolar, em especial nas escolas públicas, reconhecidamente, existem obstáculos que inviabilizam o acesso à leitura, o que tem como consequência a má formação de um(a) leitor(a) – isso quando essa formação ocorre. Esse contexto traz outros resultados negativos: o prazer da leitura não é estimulado nem a criticidade dos(as) estudantes é incitada. Outra realidade preocupante é a seleção do livro, da qual, em regra (para evitar generalizações), não participa o público-alvo: o alunado.

Tendo em vista esses óbices, ao longo do Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras), foi desenvolvido um projeto de leitura com o fito de formar leitores(as) tanto no âmbito escolar quanto no domiciliar. Todo o trabalho fora promovido com a inclusão do alunado. As escolhas (principalmente do escritor) perpassaram pelos(as) alunos(as), e o professor portou-se como um intermediário, dado que ele é o mediador entre estudantes e obra literária. O(a) discente precisa entender-se como essencial e, para tanto, uma maior inclusão deles(as) nos procedimentos adotados é fundamental, até mesmo para motivá-los.

Após a escolha do livro a ser lido (“A menina que roubava livros, de Markus Suzak), foram desenvolvidas oficinas de pré-leitura, a fim de que o público-alvo desenvolvesse mais conhecimento acerca da tipologia a que pertence a obra selecionada, no caso, a narrativa. Após essa preparação, inicia-se a apreciação do livro selecionado. Além da intervenção com o alunado, houve também a elaboração de um caderno pedagógico, o qual apresenta, detalhadamente, as oficinas, bem como algumas instruções, caso haja a intenção, por parte de outro docente, em promover o projeto.



Diante disso, é perceptível que a concepção dialógica da linguagem do Círculo de Bakhtin norteou o projeto de leitura. Em razão disso, cabe uma contextualização acerca dessa teoria.

## **1 A concepção dialógica de linguagem**

Em toda atividade humana, a linguagem faz-se presente, seja apenas na forma verbal seja na forma verbo-visual. À vista disso, não é uma inverdade afirmar que a linguagem compõe as relações de interação humanas, nas quais só há construção de sentido com a presença de falante/escritor(a) e de ouvinte/leitor(a), assim, a comunicação discursiva se caracteriza como dialógica. Mas não apenas dessa maneira. Quando se efetiva uma interação entre sujeitos, configura-se também o caráter sociológico.

Ou seja, ao construir seu enunciado, um(a) falante/escritor(a) considera outro sujeito ao qual é destinado esse enunciado. Ao promover essa consideração, estabelece-se tanto o aspecto dialógico quanto o sociológico. Ambas as características são defendidas pelo Círculo de Bakhtin. Quando o autor de uma obra a escreve, imagina do outro lado um(a) leitor(a). Nessa relação, todavia, por mais que a palavra tenha sido pensada e externada pelo(a) escritor(a) - poderia ter sido por um(a) falante -, o(a) leitor(a) também é detentor(a) dela, uma vez que fará parte da construção do sentido, ao compreender o enunciado. Desse modo, a palavra se comporta como um elo entre os sujeitos. É válido esclarecer que a palavra não se desloca de uma ponta a outra, permanecendo no destino final. Em verdade, ela se trata da própria linha, mantendo-se firme na ligação entre os sujeitos e sem um possuidor de fato.

Na leitura de uma obra literária, essa conexão se mantém: por meio da



palavra o(a) autor(a), constrói uma relação dialógica com o(a) leitor(a), de modo a influenciá-lo, haja vista que este passa a ter contato com as impressões daquele. Aqui se encontra uma das importâncias de desenvolver-se a leitura em sala. A partir de um contato com outras visões de mundo, o(a) leitor(a) pode construir suas impressões, ratificar ou, até mesmo, alterá-las.

Tendo isso em vista, enxerga-se a obra literária como a conexão entre autor(a) e leitor(a), mas não apenas isso. O livro também mantém relações com o contexto no qual foi produzida. “A menina que roubava livros” cumpre bem esse papel, na medida em que apresenta um enredo focado em acontecimentos, principalmente, durante a 2ª Guerra Mundial.

Todos esses fatores influenciam sobre um(a) falante do idioma tanto na construção de sua criticidade, quanto na ampliação de saberes, inclusive no repertório vocabular, pois qualquer falante tende a receber, em regra dos mais experientes, conhecimentos a respeito do uso da língua. Nesse contexto, esse falante, inicialmente, passa a conhecer mais a língua e seus usos, suas expressões e suas construções. Nesse processo, o falante agrega ao emprego das palavras os próprios elementos expressivos, os quais são alusivos às experiências sociais, culturais e históricas próprias do indivíduo. Desse conjunto de fatores, ocorre/surge o enunciado concreto.

Os enunciados concretos ocorrem/surgem em um contexto cultural semântico-axiológico - ou seja, com significado e valor moral, marcas do(a) falante e até mesmo do(a) ouvinte, já que aquele realiza ponderações para que este o compreenda -, o que sinaliza a inexistência de um enunciado neutro. Em outras palavras, “o dizer assevera valores, isto é, sempre que enunciemos assumimos também uma posição axiológica.”. (FARACO, 2009, p. 102)

Toda essa construção se apresentou nas oficinas desenvolvidas, as quais se manifestaram como um evento social, isto é, as situações contextuais nas quais os sujeitos participaram de uma comunicação discursiva, com a construção e organização de enunciados concretos. Nesses processos discursivos - e pedagógicos em relação às oficinas -, os sujeitos interagem, de modo a constituir e a assimilar enunciados. Essa interação, constituição e assimilação estão especificadas a seguir.

## 2 Metodologia

A turma selecionada para realização do projeto de intervenção foi o 7º ano “a”. Essa turma é formada por 28 alunos, na faixa dos 12 e 13 anos, com alguns poucos alunos acima dessa idade (15 e 16 anos). Os estudantes foram divididos em dez grupos. Cada agrupamento ficou com dois ou três alunos. A divisão foi realizada por eles mesmos, de acordo com a afinidade. Além disso, solicitou-se que cada dupla ou trio criasse um nome com o qual eles seriam identificados até o encerramento do projeto. No ato de indicar o nome deles, pediu-se, também, que os discentes justificassem a escolha da denominação.

O projeto promovido em sala sempre manteve o foco no alunado, ouvindo os discentes, de modo a oportunizar que eles se descobrissem como sujeitos ativos de todo o processo de aprendizagem. Essa oportunidade favorece que os estudantes tenham acesso com as subjetividades de cada um de seus colegas, possibilitando uma maior interação, uma comunicação mais ampla.

Diante disso, desenvolveu-se um total de nove oficinas, visando ao processo de formação do leitor. A respeito da sequência e dos conteúdos, as oficinas foram promovidas com a construção de dinâmicas, mantendo-se as



relações dialógicas: indicação de obras, votação, manuseio de livros, sessão de cinema, leitura da obra selecionada pelos(as) estudantes, gincanas e releitura.

Todas as etapas foram desenvolvidas por meio de oficinas construídas mediante diálogos com a turma, com obtenção de resultados positivos (preponderantes) e negativos, os quais se encontram dispostos na próxima e última seção deste trabalho.

### **Considerações finais**

O presente trabalho teve como objetivo geral a formação de um leitor crítico, utilizando, para tanto, recursos variados e promovendo a participação dos alunos. Com vistas a isso, desenvolveram-se dinâmicas e incentivos diversificados de modo que o aluno se envolvesse. Essas formas de envolvimento comprovam a necessidade de um projeto no qual o alunado seja tratado como essencial e se perceba de tal maneira. Para tanto, cabe ao professor essa função de incentivar os discentes, de fazer com que acreditem em sua capacidade, em sua competência que eles e que isso pode colaborar para a o desenvolvimento, a ampliação ou a aquisição do saber.

As oficinas, nesse trabalho, como um recurso educacional, mostraram-se como uma metodologia plausível, haja vista a dinâmica desse artifício pedagógico, tanto que, ao longo delas, os estudantes, em sua maioria, sugeriram obras, relacionaram-se com frequência, votaram conscientemente, argumentaram, envolveram-se nas dinâmicas, voluntariaram-se para as leituras, competiram respeitosamente, dialogaram, compartilharam saberes, enfim, de fato, interagiram durante todo o projeto.





Para comprovar a eficiência do projeto, os registros foram compilados em um material na intenção de auxiliar outros docentes na realização desse trabalho ou de uma intervenção similar. Ainda que não seja um dos objetivos do projeto, ele se preocupou também em auxiliar profissionais a desenvolverem, em sala de aula, a prática de leitura e a formarem leitores críticos. Essa preocupação se comprova com a produção de um caderno pedagógico, produzido não só como registro ou como um norte para o professor, mas também que seja considerado como uma opção na abordagem, em escolas, para a promoção da leitura.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6ª edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

CANDAU, Vera e ZENAIDE, Maria de Nazaré Tavares Zenaide. **Oficinas Pedagógicas Aprendendo e Ensinando Direitos Humanos**. João Pessoa: JB, 1999.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & Diálogo. Ideias Linguísticas do Círculo de Bakhtin**. 1ª edição. São Paulo: Editora Parábola, 2009.

GERALDI, João Wanderley. Prática da leitura na escola. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **O texto em sala de aula**. São Paulo: Ática, 2011, p. 88-103.

SUZAK, Markus. **A menina que roubava livros**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca Ltda., 2010.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 1ª edição. São Paulo: Editora 34, 2017.

